

Carta do Prelado (outubro 2016)

«Continuamente se nos apresenta o tempo de se abrir em leque, para servir a mais pessoas, também aos que não têm experiência da vida cristã, ou não têm fé», escreve D. Javier Echevarría na sua carta de outubro, recordando que no dia 2 se inicia um novo ano da história do Opus Dei.

01/10/2016

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Amanhã celebramos, com a Igreja e na Igreja, a memória litúrgica dos Santos Anjos da Guarda, solenidade na Prelatura, porque – em 1928, nesse mesmo dia – a Santíssima Trindade semeou na alma e no coração do nosso Fundador uma semente destinada a dar frutos em milhares e milhares de pessoas de todas as línguas e nações. S.

Josemaria comentou, em várias ocasiões, que sempre ressoavam na sua alma os sinos da igreja de Nossa Senhora dos Anjos, que tornavam muito atual – até à sua partida para o céu – o dever de fazer o Opus Dei com a força do ano de 1928 e, a seguir, de 1930. Peço ao Senhor que se enraíze, na nossa atuação, esta mesma responsabilidade, porque cada uma e cada um é a *continuidade*.

Mas uma vez mais se cumpriu a parábola da pequena semente: e temos de encher-nos de

agradecimento a Nosso Senhor. Passou o tempo e o Senhor confirmou-nos na fé, concedendo-nos tanto e mais do que víamos então. Perante esta realidade maravilhosa em todo o mundo – realidade que é como um exército em ordem de batalha para a paz, para o bem, para a alegria, para a glória de Deus –, perante esta obra divina de homens e de mulheres em tão diferentes situações, de leigos e de sacerdotes, com uma expansão encantadora, que encontrará necessariamente pontos de aflição, porque estamos sempre a começar, temos que baixar a cabeça, amorosamente, dirigir-nos a Deus e dar-Lhe graças. E dirigir-nos também à nossa Mãe do Céu, que esteve presente, desde o primeiro momento, em todo o caminho da Obra [1].

Ainda soam na minha alma as considerações de S. Josemaria. Lembro-me como se fosse ontem destas palavras, pronunciadas como uma oração cheia de amor a Jesus Cristo presente na Eucaristia, no oratório da sede central da Obra dedicado ao Pentecostes. Servem-nos também agora, ao começar este novo ano do Opus Dei, para nos cumularem novamente de esperança, porque o Senhor, que fomentou a Obra, continua a mantê-la ativa e fecunda ao longo dos anos, com a tua resposta e a minha.

Como S. Josemaria naquele aniversário do ano de 1962, também hoje nos maravilhamos diante do que vemos já feito nesta *pequenina parte* da Igreja: a Obra. É Ele quem a faz crescer, tornando mais uma vez realidade – como aconteceu frequentemente na História da Igreja – a parábola do grão de mostarda: *a mais pequena de todas as sementes,*

mas, depois de crescer, torna-se a maior planta da horta e transforma-se num arbusto, a ponto de virem as aves do céu abrigar-se nos seus ramos [2].

Tal como em 1928, agora, e sempre, é evidente a desproporção entre os nossos meios e os frutos que Deus suscita. O Seu poder salvífico não diminuiu, mas espera de cada uma e de cada um de nós, bem como das pessoas que se acolhem à sombra desta árvore frondosa, uma correspondência generosa, a maior de que sejamos capazes, com a Sua ajuda.

Nasce na nossa alma o louvor e a ação de graças a Deus. ***Obrigado, Senhor! Porque esta fornada de pão maravilhoso já está a espalhar o bom aroma de Cristo (2 Cor 2, 15) no mundo inteiro: obrigado por estes milhares de almas que glorificam a Deus em***

toda a Terra. Porque todos são Teus [3].

Gratidão total a Deus que, apesar de variadas dificuldades, nunca nos abandona. Está sempre connosco! Portanto, quando as dificuldades surgem, ***temos de sorrir no meio da dureza de algumas circunstâncias, repetindo ao Senhor: gratias tibi, Deus, gratias tibi!*** [4]. S. Josemaria ouviu um dia, no fundo da sua alma: *si Deus nobiscum, quis contra nos?* [5], se Deus está connosco, nem o ambiente secularizado e até mesmo agressivo, nem a falta de meios materiais ou de saúde, nem a precariedade do emprego em muitos sítios, nem as complicações familiares ou fora de casa – nada! – nos há de abalar.

Estes tempos não são piores do que os anteriores. Já S. Agostinho avisava: «Porque hás de então pensar que qualquer época passada

foi melhor do que a atual? Desde o primeiro Adão até ao Adão de hoje, esta é a perspetiva humana: trabalho e suor, espinhos e cardos» [6].

O dia 2 de outubro é também muito adequado para vermos se, individualmente, atuamos como o instrumento que Deus espera que sejamos. Assimilemos na nossa alma a oração pessoal de S. Josemaria na data que celebramos: *quando acordei esta manhã, pensei que quereríeis que vos dissesse algumas palavras e devo ter ficado vermelho, porque me senti afogueado. Então, indo com o meu coração para Deus, vendo que resta tanto por fazer, e pensando também em vós, fiquei persuadido de que eu não dei tudo o que devo à Obra. Ele, sim. Deus sim* [7].

Apesar da boa vontade que, graças a Deus, não nos falta, imploremos o perdão pelas faltas de

correspondência concretas, perante os dons divinos, ou seja, a nossa pouca generosidade algumas vezes, os nossos erros pessoais que podem desedificar os que estão mais próximos. Vamos fazê-lo com uma contrição alegre, que não nos deve tirar a paz. Porque, ***assim como nós, os homens, escrevemos com uma caneta, o Senhor escreve com a perna da mesa, para que se veja que é Ele quem escreve: isso é o incrível, isso é o maravilhoso*** [8].

O Papa insiste em que todos nós, os cristãos, devemos iluminar com a fé as situações e as pessoas com quem nos encontramos no caminho. Sintamo-nos chamados, neste novo ano da Obra, **a anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demoras, porque a alegria do Evangelho é para todo o povo, não pode excluir ninguém** [9]. É este o eco de umas palavras de Cristo, que

ardiam na alma do nosso Fundador desde que começou a notar os pressentimentos da chamada divina, dez ou doze anos antes de 1928.

Ignem veni mittere in terram et quid volo nisi ut accendatur? (Lc 12, 49), *Eu vim trazer fogo à terra e que quero senão que se ateie? E a resposta: Ecce ego quia vocasti me! (1 Sm 3, 8), aqui estou porque me chamaste. Voltamos a dizê-lo agora, todos, ao nosso Deus? [10].*

O dia 2 de outubro é um apelo que ressoa em cada um de nós com a certeza da missão que o Senhor nos confiou: estamos no mundo para fazer a Obra como parte da missão da Igreja. Por isso nos sabemos – no lugar onde estamos – na primeira linha da evangelização.

Continuamente se nos apresenta o tempo de se *abrir em leque*, para servir a mais pessoas, também aos que não têm experiência da vida

cristã, ou não têm fé, ou habitualmente não a põem em prática. Esperam-nos e esperam que lhes transmitamos a nossa alegria de ter encontrado Jesus Cristo.

Cultivemos uma consciência profunda e real de sermos anunciadores da alegria do Evangelho no próprio ambiente e em todos os momentos. Mulheres e homens capazes de estabelecer amizade com todos – prestáveis, cheios de disponibilidade, de amabilidade, de generosidade –, que não se limitam a realizar diligências apostólicas, mas que procuram viver como apóstolos em todo o tempo e circunstâncias. E isso, meus filhos, tem muitas manifestações concretas: levar muito a sério as implicações práticas da santificação do trabalho (justiça, caridade, humildade, interesse pelos outros, tom positivo, etc.); atuarmos como pessoas que unem, que colaboram, capazes de

aprender o que, de bom, cada um pode trazer à sociedade.

Conseguiremos manter vivo este sentido de missão se cultivarmos uma profunda vida interior e se fundamentarmos a nossa ação nos meios sobrenaturais, na contemplação de Cristo. Transmitir a mensagem evangélica é um bem que humaniza e dá resposta aos desejos de felicidade de todos, cristãos e não-cristãos. Às vezes, será oportuno advertir alguém, com afeto, sobre algum aspeto do seu comportamento externo em que pode melhorar: a correção fraterna que Jesus Cristo recomenda no Evangelho! Falei longamente sobre este ponto na carta que escrevi no início do Ano jubilar, por isso não me detenho mais neste tema. Só queria referir que, seguindo o bom critério do nosso Fundador, temos de exercer esta obra de misericórdia com prudência, com serenidade, com humildade,

conscientes de que todos precisamos desta ajuda tão humana e tão sobrenatural.

Termino pedindo, como sempre, orações pelo Santo Padre, em concreto, pela viagem à Geórgia e ao Azerbaijão que está a realizar agora, e pela que o levará à Suécia no final do mês. As duas são no âmbito da ação ecuménica do Papa, seguindo os passos dos seus antecessores.

Muito unidos às minhas intenções, rezai também pelos 31 fiéis da Prelatura a quem ordenarei diáconos no próximo dia 29, e por todos os ministros sagrados da Igreja.

Com serenidade, e ainda com profunda dor, convido-vos a recordar as minhas filhas que faleceram no México, num acidente. A dor mantém-se, porque somos uma família unida. E a serenidade vem também da reação unânime de orações que houve em todo o mundo.

Peçamos ao Senhor que lhes conceda
um Céu muito grande, à medida da
Misericórdia divina.

Com todo o afeto, abençoá-vos
o vosso Padre
+ Javier

Roma, 1 de outubro de 2016

© *Prælatura Sanctœ Crucis et Operis
Dei*

[1] S. Josemaria, Meditação, 2-X-1962
(AGP, biblioteca, P09, p. 57).

[2] *Mt* 13, 32.

[3] S. Josemaria, Meditação, 2-X-1962
(AGP, biblioteca, P09, p. 59).

[4] S. Josemaria, Meditação, 2-X-1962
(AGP, biblioteca, P09, p. 57).

[5] Cfr *Rm* 8, 31.

[6] S. Agostinho, *Sermão Caillau-Saint Yves* 2, 92 (PLS 2,441-442, cit. in *Liturgia horarum*, segunda Leitura da quarta-feira da vigésima semana do Tempo Comum).

[7] S. Josemaria, Meditação, 2-X-1962 (AGP, biblioteca, P09, p.60).

[8] S. Josemaria, Meditação, 2-X-1962 (AGP, biblioteca, P09, p. 59).

[9] Papa Francisco, Ex. apost. *A alegria do Evangelho*, 24-XI-2013, n. 23.

[10] S. Josemaria, Meditação, 2-X-1962 (AGP, biblioteca, P09, p. 62).